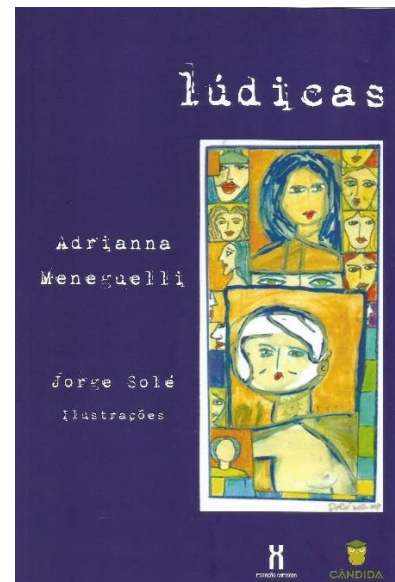


MENEGUELLI, Adrianna. *Lúdicas*.
Cariacica: Cândida, 2019.

Maristela Rodrigues Lopes*



Ao publicar *Lúdicas* (2019), Adrianna Meneguelli traz importantes contribuições para a literatura brasileira. A primeira delas diz respeito à sua escrita, que chama a atenção, principalmente, pelo trabalho primoroso com a linguagem. Além disso, ela traz pluralidade ao campo literário que, conforme Regina Dalcastagnè (2012), ainda é bastante homogêneo, por ser, dentre outras constatações, majoritariamente masculino. A experiência

* Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

acumulada em sua trajetória acadêmica também importa observar: Meneguelli possui graduação e mestrado em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo, doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais e pós-doutoramento em Arte e comunicação pela Universidade do Algarve. Além de literatura, interessa à autora o cinema, a antropologia e a gastronomia. Afeita Meneguelli à diversidade, seu caráter eclético certamente é produtivo em sua criação literária, como se percebe, por exemplo, em “Mais uma cena”: “Pensei em te convidar para ir ao cinema. Escolha o filme e ganhe de brinde a cena preferida reproduzida na íntima. [...] Rio por dentro ou choro? Miyazaki insólito: Chihiro cresceu, e eu não me arrependo” (MENEQUELLI, 2019, p. 34).

Antes da publicação de sua obra literária, Adrianna Meneguelli já trouxera a público seus estudos, frutos de sua atuação na pesquisa acadêmica. Sua dissertação, intitulada *O jogo do reverso e o reverso do jogo tabucchiano* (2003), resultou no livro *O reverso do jogo tabucchiano*, publicado em 2018 pela editora Appris. Sua tese, *A fúria do corpo na contramão do fluxo: a prosa de João Gilberto Noll entre vozes singulares*, foi defendida em 2008 e pode ser acessada no repositório institucional de teses e dissertações da UFMG. Esses estudos indicam a contribuição de Meneguelli para a pluralidade de outro espaço também considerado homogêneo: o da crítica literária. Além disso, ao tomar como objetos de estudo obras do italiano Antonio Tabucchi (1943-2012), um apaixonado pela cultura portuguesa e conhecedor da literatura brasileira, e do gaúcho João Gilberto Noll (1946-2017), se evidencia o olhar interessado na literatura contemporânea, cujas particularidades mais marcantes dizem respeito à linguagem. Noll, por exemplo, na fronteira entre a prosa e a poesia, procurava, em suas criações, explorar as potencialidades da língua.

Publicada em 2019, pela editora Cândida, a obra *Lúdicas* corresponde ao volume 19 da série Estação Capixaba. Apresenta ilustrações do artista plástico Jorge Solé, cuja inspiração, muitas vezes, segundo ele próprio, provém da leitura de obras literárias (SOLÉ, 2017). Assim, sua arte, ao dialogar com a parte verbal do livro, amplifica o efeito estético, pois linguagens diferentes, cada qual a partir de seus

meios de expressão, entrecruzam-se. A aproximação entre essas duas manifestações artísticas fica evidente, principalmente, quando, numa sequência, surge a ilustração de Solé e, em seguida, o texto “Constatações em 2ª pessoa” (MENEGUELLI, 2019, p. 29): “Enquanto você pinta, eu escrevo. Traços mudos cobrem um mundo de desejo que você colore absorto, sem saber que eu quase voou quando lanceia uma palavra que, muda, recobre o olhar que me sorve inteira”. Algo semelhante acontece no penúltimo texto, “Solar”, além de este insinuar traços biográficos sobre o artista gaúcho que se tornou capixaba:

De Jorge a casa solar ouro e acrílica transpira. Inverte-se o tempo como o verso, enriquece-se Manguinhos como o faz a rima que o contempla, como ele mira a terra e a enobrece. Na tarde lenta de terra batida, em gauches contos o gaúcho empresta à doçura nativa a largueza pampa dos mares do Rio Grande, a renascença Toscana de uma Itália dentro. Se barroco se diz, barrocamemente me fita, falando de Miró, cantando em prosa e tinta a Bahia onde também habita. Vestido com as roupas e as armas de aquarela dispostas em vão, no girar da ampulheta o pintor que Sol-é, reencarnado entre tintas e paletas, decifra seu próprio fado: se antes fora soldado, agora é seu próprio dragão (p. 85).

Lúdicas pode ser identificada como um gênero híbrido, ou seja, uma prosa poética, composta por mais de cinquenta microtextos. Em um deles, “Teoria sobre o poema em prosa”, evidentemente metalinguístico, constata-se a impossibilidade de reduzir esse gênero a uma mera definição. Verifica-se também a irreverência de uma composição que não admite enquadramento:

Contemplar o poema, thea. Theoros que se abandona ao domínio de Horan. O breu do olhar. Pensar as tramas, tecer o íntimo por fora. A poesia diz não ao teorema. Se for em prosa é mais desbocada, radicaliza a essência, a quadratura, o sistema, o nominado. No fino foco da câmara clara: o charco, a queda, a cachoeira. O poema em prosa é o verso descontrolado (p. 36).

Paulo Roberto Sodré   quem faz a introdu  o para a obra com o texto “Lúdicas ou a prosa da poesia”. Certo de que “O que se grava no corpo não se esquece” (MENEGUELLI, 2019, p. 83), mais do que introduzir os textos de Meneguelli, Sodré ratifica, em tom poético, o caráter criativo e sutil da escritora capixaba e evidencia particularidades de sua escrita, tais como a ambiguidade e a ado  o de “aspectos poéticos t  picos da tradi  o moderna”: “a metalinguagem” e o “jogo

melopoico e imagético” (SODRÉ, 2019, p. 13). Apresenta uma escritora contrária “às molduras e às margens que autoritariamente pretendem ser definidoras” (p. 12), “uma mulher a anotar seu percurso de leitora” (p. 13) e capaz de surpreender o leitor acostumado com uma “leitura racional e confortável” (p. 10). Por isso mesmo o adverte:

Para Adrianna M., o texto expande-se numa espontaneidade (ou descontrole de versos) que, diferente da dos ingênuos, ilude. Se for incauto o leitor corre ele o risco de não perceber o fluxo irônico em seus textos lúcidos. Eis, parece, um dos sentidos de *Lúdicas*: divertir-se, à Medusa, com a distração dos leitores: Leia-me com cuidado. Ou te petrifico (p. 14).

O primeiro texto de *Lúdicas*, intitulado “Apresentação”, é de caráter ambíguo, uma vez que o leitor é levado a acreditar que irá apresentar a obra; no entanto, o que a voz poética faz é a apresentação de si mesma, a partir das máscaras assumidas por ela em diferentes circunstâncias. O verbo no pretérito imperfeito do período inicial – “Eu *era* Dulcineia até pouco tempo, muito pouco tempo” (MENEGUELLI, 2019, p. 17) – sugere, não só a existência de uma das máscaras, mas também o caráter contínuo do processo, em que as múltiplas identidades são construídas e/ou assumidas. A alusão às máscaras pode reportar ao pensamento de Nancy Huston (2010), segundo o qual “Um ser humano é alguém que usa uma máscara” (p. 113), e que “A *persona* é simplesmente a maneira humana de estar no mundo” (p. 123). Essa consciência de que o ser humano é uma *persona* harmoniza-se com o fazer literário de Meneguelli, em que personagem e pessoa mimetizam-se.

Depois da surpresa inicial, a autora de *Lúdicas* continua demonstrando a potência da linguagem poética, o que é percebido quando, por exemplo, emprega figuras de linguagem, chegando a entrecruzá-las num mesmo ponto. Neste, o leitor se depara com metonímia, personificação e paradoxo: “O olhar dele, à distância, cochichava alto em meu ouvido. [...] Fazia cena de etérea, enquanto o inevitável a mim se apresentava compenetrado, sinalizando densa porfia em dias vindouros” (MENEGUELLI, 2019, p. 18). As antíteses também agregam beleza aos versos descontrolados: “Sempre na fronteira. Entre a lisa superfície e a farpa,

o regalo e a perda, a assepsia e a sujeira barata” (p. 57); “Ainda há brasa sob o desencanto, pode ser que haja orgasmo onde hoje é só remanso” (p. 25). As metonímias (“Esses olhos cumpriram vastas distâncias no rastro de minha sombra. [...] Seus olhos não desistem, eu sei. Os meus é que estão cansados dessa pungência-limite sem entrega” [p. 38]) e as metáforas (“Eu sei que a autoestima mal contemplada é uma cascavel vadia, e te torna escravo de uma falsa imagem” [p. 37]) tornam ainda mais plurissignificativa a linguagem literária.

Esses são apenas alguns exemplos de como os textos de *Lúdicas* são plenos de imagens. Além delas, a autora lança mão de outros recursos, a fim de tornar mais expressiva a linguagem. Em “Viração”, por exemplo, ao construir a metáfora, Adrianna Meneguelli amplia o seu significado a partir da omissão das vírgulas: “[...] sou pedra lascada seixo esmeril. [...] À noite o vento muda, [...] e me alça do térreo e me quebra em lascas brita calhau areia”. A ausência dessa pontuação igualmente acontece neste trecho: “Não, não espere que eu perceba a hora certa de falar esclarecer decidir desfiar rosários de intelecções recordar nomes relações”. A função estética também é alcançada quando, por meio da metalinguagem, a sinestesia acontece: “É quando me entrego à sinestesia e desenho sons e cheiros e formas com os dedos no ar, e com olhos mareados” (p. 25).

É a partir desse olhar apaixonado pela arte que, em sua prosa poética, Adrianna Meneguelli faz referências à literatura e ao fazer literário. No texto “Falando em criação” (p. 19), aparece a impossibilidade de se “criar uma ficção futurista”, uma vez que o “[Meu] cotidiano é muito distante desses projetos mirabolantes, antirrealidade, de virtualidades inexercíveis”. Quanto ao discurso, este “é falho, sem contornos lineares, sem possibilidades de abarcar o contido nessas margens por onde desliza a lida”. E quanto ao texto, “é logrado, desde o esboço, pela própria impossibilidade de sê-lo, de contar um fato, de dar conta de algo, de ser um tecido acabado”. O texto, como um tecido inacabado, literalmente acontece em “Pacto” (p. 20): “[...] estenda a mão, pode tocar, e até prever os muitos deslizes que por ti. [...] Conto-te agora um segredo: sei lê-las de olhos fechados,

vejo todos os deslizes que por mim". Assim, a leitura se torna ainda mais abstrata, e quem lê é instigado a pensar em que, afinal, consiste o texto literário.

Em *Lúdicas*, se percebem as leituras várias, como sinaliza Sodré (2019, p. 13): "seja de textos verbais, musicais, pictóricos, seja de textos corporais [...], paisagísticos, psíquicos". Em relação às leituras literárias, as quais insinuam possíveis influências, essas podem ser verificadas ao longo da obra, como em "Confesso" (p. 66), "Partilha" (p. 68), "Leitora" (p. 84) e "Sinuosidades" (p. 86). Percebem-se as contribuições não só de "Nelson, Carlos, Hilda, Ana Cristina e Noll", mas também os "lances de Rosa, Sérgio, Glauco, Murilo e Machado". Além das marcas deixadas por esses e por outros artistas da palavra, há também o desejo de tecer o seu próprio projeto literário. Fala-se em ensaiar as próprias deixas e na expectativa de uma empreitada que está por vir: "Sobre todos paio indecorosa, e nenhum satisfaz o meu desejo. Aproprio-me das imagens dos poetas enquanto me elevo, vidente, renunciando pósteras entregas" (p. 66). Quanto aos "poemas de arabesco" (p. 68), lê todos eles, mas não os reconhece em si. Finaliza o poema "Partilha" como se fizesse uma confidência: "a minha rima quase sempre é pobre e, sendo assimétrica por índole, faço da liberdade o meu mote" (p. 68).

Como se percebe, um dos traços de Adrianna Meneguelli é o reconhecimento àqueles (as) escritores (as) que a precederam e que são uma referência para ela. Essa atitude nobre é transformada em poesia, ou melhor, em prosa poética: "Todos poetas de cabeceira, eleitos pela letra de seletas partilhas, voltados para os poucos que no mundo os presenteiam com o olhar do desejo" (p. 68). É esse mesmo olhar que se volta "à irresistível poesia que Luís de Almeida fazia em prosa se derramar" (p. 84), e a partir do qual Meneguelli presta terna homenagem ao cronista: "Ainda hoje, leitora contumaz na sempiterna frota, elege-o, pelos desvãos dessa ilha, que sempre foi de sua retina a única rota, o escrivão *mor* da nau eterna, navegação tecida em tinta que não desbota" (p. 84). Esse tributo reforça a importância da literatura produzida em solo capixaba, bem como a necessidade de se manter na memória o legado de quem passa pela vida

sendo como uma daquelas fogueiras descritas por Eduardo Galeano (2009, p. 13), as que são capazes de incendiar a vida do outro: “Alguns fogos, fogos bobos, não alumiam nem queimam; mas outros incendeiam a vida com tamanha vontade que é impossível olhar para eles sem pestanejar, e quem chegar perto pega fogo”.

Em “Sinuosidades”, Adrianna Meneguelli revela o aprendizado com Ana Cristina, o de que a sintaxe é “pista de derrapagem, coleante camuflagem dos autobiográficos ímpetos” (p. 86). Em seguida, revela ao leitor algo bem particular:

A sintaxe não me ordena, pelo contrário, me quebra e altera o ritmo em sínopes e acelerações. É uma cadela no cio, a megera. Quer me comer inteira, mas eu me esquivo, domino-a, mino seus elementos femininos e deixo-a uivando na lua cheia. Tiro quando quero todos os seus verbos e ouso corrompê-la. A sintaxe, meu bem, é minha mais infiel parceira (p. 86).

Essa luta com a sintaxe da língua assemelha-se com aquela declarada por Clarice Lispector quando deixa inscrita em *A descoberta do mundo* a sua declaração de amor à língua portuguesa: uma língua nada fácil de manejar, principalmente para quem ousa “transformá-la numa linguagem de sentimento e de alerteza. E de amor” (LISPECTOR, 1999, p. 58).

Em “Horas de estrela” (MENEQUELLI, 2019, p. 43), a autora, de modo ousado, alude ao romance dessa mesma Clarice, mais precisamente, ao narrador-personagem Rodrigo S. M.: “Meu personagem favorito chama-se Rodrigo S. M. Clarice dele se travestiu. Também o posso eu, leitora exasperada, amante de cenas que extrapolam a tinta”. Essa transmutação do feminino para o masculino em *A hora da estrela* também interessou à francesa Hélène Cixous que, em *La risa de la medusa*, exalta a maestria de Clarice Lispector que cria um narrador homem, a fim de se aproximar de um ser tão diferente de si mesma. Nesse caso, o diferente é a personagem nordestina Macabéa, que também é retomada, de forma magistral, no final do texto de Meneguelli: “As palavras suas [de Rodrigo S. M.] já me guardam há tempo; já sei de cor todo o desenredo: aguardo

indecorosa meu atropelamento” (MENEQUELLI, 2019, p. 43). Assim, essa prosa poética, vinda de terra capixaba, poderia servir de homenagem à Clarice Lispector no ano em que se comemora o seu centenário.

Para quem acha que a pena de Adrianna não é afiada, poderá se surpreender ao se deparar com “Esquiva”, em que a saída do grupo, assim descrita, pode causar polvorosa nos meios em que a arrogância fala mais alto do que o bom senso e a humildade:

Provo adocicada a solidão de quem sabe rir por dentro e brindo aos fracos, que têm o mais puro senso da história. Os poderosos me entediam, reiteram monótonos sua própria obviedade. Os que exercem poder em demasia não entendem de prazer e semeiam verdades que nos grupos vicejam. Crenças autoritárias são muito chatas, desfazem-se ao primeiro toque de uma poesia inexata (p. 60).

E não para por aí em surpreender o leitor. Até quando trata de assuntos aparentemente corriqueiros, Meneguelli explora o humor contido nas palavras. Em “Inveja” (p. 55), é possível se deliciar desde o início do texto: “Ao olho torto da inveja, parafraseio Caetano: me erra, vagaba, não enche”. A partir daí entra conselho de avó com suas crendices, bem ao gosto do povo. Em “Parlenda” (p. 45), com um ar aparentemente inocente, subverte a lógica de uma simples composição popular ao proferir: “Hoje é domingo, pé de cachimbo, cansei dos otários, da mídia, das teses, das palavras calculadas, das verdades falhas. Baralho amassado, cinzeiro lotado, sintaxe perfeita, que saco!”.

Por outro lado, a prosa poética de Meneguelli também trata de temas que não cabem nas palavras de sentido literal. Assim sendo, lembra a constatação da também escritora Eliane Brum que, depois de anos trabalhando como jornalista, percebeu “que há certas realidades que só a ficção suporta” (BRUM, 2011, p. 8). A morte é uma delas. Adrianna Meneguelli lança em “Mãe” a sua lira, não a dos vinte anos, como fez Álvares de Azevedo, mas a dos trinta, para falar de uma perda: “Guardei pra ela a minha letra preferida. Queria colar na parede com uma foto vibrante no quarto da despedida. Enquanto dormia, qual anjo romântico,

minhas líras dos trinta anos foram perdendo a musa que as regia” (p. 80). Nesse texto, como em outros também, se percebe a subjetividade e o intimismo tão próprios dos românticos e simbolistas. A dor vivenciada por um eu encontra refúgio na poesia, um meio para suportar o inominado:

Da partida, ficou-me o cântico que nos unia; da dor que nos separava ficou um sempre de que nunca mais estarei curada. Invade-me os sonhos o *locus amoenus* onde se encontra a minha maior amiga, a mais amada, à espera do término dessa dança mal conduzida, prenehe da certeza de que toda essa dor desaguará em poesia e o seu mais caloroso abraço apagará o insustentável vazio (p. 80).

Assim, se escrever é uma maldição capaz de salvar, conforme afirma Clarice Lispector (1999), aqui está um dos motivos para se ler *Lúdicas*. O leitor pode se deparar com o que ele, na realidade, tem dificuldade em suportar: uma experiência dolorosa como essa. Mas não é só isso. *Lúdicas*, por ser de múltiplas faces, também possibilita outras vivências.

O leitor tem a possibilidade de estar diante de uma linguagem, cuja configuração se distancia do que é comum e o aproxima de uma forma de expressão que proporciona prazer e reflexão. Porém, vale ressaltar que liberdade e espontaneidade não significam falta de critério, pelo contrário, o trabalho com a linguagem é bastante criterioso nessa prosa poética, porque provém de alguém que já descobriu a potência da língua. Logo, é justo afirmar que é fascinante não só o repertório de Meneguelli, mas também a habilidade com que ela maneja a semântica das palavras e a sintaxe, dentre outras particularidades de sua escrita.

Pode-se afirmar ainda que a literatura de Meneguelli traz marcas do espaço de onde fala. Um espaço que diz respeito não só ao aspecto geográfico, mas também ao afetivo e ao cultural, e que certamente interessa muito ao Espírito Santo, pois seus textos, ao abraçar paisagens diversas, acolhem pessoas, ideias e o legado de quem faz da existência arte. Por outro lado, sua literatura possui um caráter universal e atemporal, ao se aproximar de outras esferas, de outras vivências. E o que é bem produtivo para os estudos literários: *Lúdicas* fala, por meio da metalinguagem, sobre questões que dizem respeito à própria literatura.

Referências:

BRUM, Eliane. Entrevista. *Diário Regional*. 29 de jun. de 2011, p. 8-9. Disponível em: <<http://elianebrum.com/programas-e-resenhas/percebi-que-ha-certas-realidades-que-so-a-ficcao-suporta/>>. Acesso em: 25 mar. 2020.

CIXOUS, Hélène. *La risa de la medusa: ensayos sobre la escritura*. Traducción de Myriam Díaz-Diocaretz. Barcelona: Anthropos, 2001.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2012.

GALEANO, Eduardo. *O livro dos abraços*. Tradução de Eric Nepomuceno. Porto Alegre: L&PM, 2009.

HUSTON, Nancy. *A espécie fabuladora: um breve estudo sobre a humanidade*. Tradução de Ilana Heineberg. Porto Alegre: L&PM, 2010.

LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

SODRÉ, Paulo Roberto. Lúdicas ou a prosa da poesia. In: MENEGUELLI, Adrianna. *Lúdicas*. Cariacica: Cândida, 2019.

SOLÉ, Jorge. Mosaico – Jorge Solé. *Programa Mosaico da TV Assembleia*, Vitória-ES, 29 set. 2017. Entrevista concedida a Gustavo Fernando. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8HdBBZ5kczw>>. Acesso em: 10 mar. 2020.

Recebida em: 27 de março de 2020.
Aprovada em: 24 de maio de 2020.